

Blanchard, Pascal, Bancel, Nicolas, Boëtsch, Gilles, Taraud, Christelle, Thomas, Dominique org. (2018). *Sexe, race & colonies. La domination des corps du XVe siècle à nos jours*. Paris: La Découverte, 544 p., ISBN 978-2-348-03600-2

Ainda ausente do circuito editorial português, a obra coletiva francesa *Sexe, race & colonies* (2018), sob a direção de Pascal Blanchard, Nicolas Bancel, Gilles Boëtsch, Christelle Taraud e Dominic Thomas, prefaciada por Achille Mbembe e Jacques Martial, com posfácio de Leïla Slimani, apresenta-se numa edição de luxo da *La Découverte* (Paris), com um trabalho artístico e gráfico sóbrio e, paradoxalmente, provocador: capa dura, de fundo preto, com título em caracteres brancos e simples, com realce para a palavra “Sexe”, parecendo iluminar “race & colonies” e o subtítulo *La domination des corps du XVe siècle à nos jours*. A obra divide-se equilibradamente em quatro partes, *Fascinations, 1420-1830; Dominations, 1830-1920; Décolonisations, 1920-1970; Métissages, depuis 1970*, onde participaram perto de uma centena de investigadores, contando ainda com a introdução assinada pelos editores.

A obra data de 2018 e desde então a sua receção crítica no meio académico francês é antagónica; entre os que a condenam e os que a defendem, o foco da polémica está na profusão de imagens coloniais ao longo das 544 páginas, que para uns são elementos perpetuadores da inferiorização, coisificação ou erotização do corpo do “outro” e, para outros, são denunciadoras e representativas da dominação colonial. O jornalista francês Daniel Schneidermann (2018), por exemplo, considera o livro «implacable, étouffant, écoeurant». Pascal Blanchard, historiador francês, em entrevista ao jornal *Libération* (2018), argumenta que as 1200 imagens apresentadas no livro provam que a colonização foi um «safari sexual» e que urge repensar o colonialismo/a colonização, pois a abundância deste tipo de imagens significa que a nudez fez parte do «marketing» da expansão colonial e que

moldou a identidade dos denominados «selvagens», sobretudo da mulher «indígena». Acrescenta ainda que as imagens divulgadas a partir do século XV representam paraísos terrestres povoados de corpos nus, fazendo parte do cenário, tal como descrito na *Carta de Pêro Vaz de Caminha*, evocada por Jacques Martial (Blanchard et al 2018: 10).

Por outro lado, o coletivo Cases Rebelles, numa carta de revolta contra a publicação, alerta que

Ces victimes sur les photographies publiées sont nôtres, elles sont de chez nous, de nos terres, de nos familles. Nous ne sommes pas éloigné.e.s, pas détaché.e.s de ces corps. Aujourd’hui encore, nous portons au quotidien le poids de ces hypersexualisations violentes, de ces hyper-accessibilités au corps colonisé (Collectif Cases Rebelles 2018).

Os signatários da carta aberta relembram ainda que inúmeros académicos estudam as violências na colonização sem sentirem a necessidade de mostrar ou divulgar, podendo recorrer simplesmente à descrição de imagens, mas que em termos editoriais se torna menos vendável. Já Pascal Blanchard, na referida entrevista, acredita que «pour vraiment comprendre ce passé, il faut en montrer l’indicible».

Entre o mostrar ou descrever, a obra desafia o “politicamente correto”, e parece centrar-se em demasia na imagem (gravura, ilustração, pintura, fotografia...), o que leva a crítica a relegar para segundo plano os textos de investigação, como se o livro pudesse existir sem eles.

Curiosamente, e apesar do número reduzido de fotografias alusivas ao contexto colonial português comparativamente aos demais impérios, para ilustrar a entrevista a Pascal Blanchard, o jornal *Libération* escolheu uma fotografia “portuguesa” de Angola⁽¹⁾, que se encontra na página 370 do livro e faz parte de um conjunto de imagens que ilustram o texto «Violences sexuelles au temps des décolonisations» (Blanchard et al 2018: 362-391), da autoria de Alain Ruscio e Nicolas Bancel. Estranhamente, a breve referência à colonização portuguesa e à guerra colonial passa, não pela fotografia em questão, mas essencialmente pela referência à obra testemunhal (mas ficcional) de João de Melo, *Autópsia de um mar em ruínas* (1984), citando passagens alusivas a abusos sexuais sofridos pela personagem Natália (Blanchard et al 2018: 371), não se verificando uma referência direta

(1) O jornal publica a fotografia com a legenda: «Soldats portugais harcelant une femme [Angola], photographie, tirage argentique, 1970. Photo d’archives d’Eros. Coll. Gilles Boëtsch. coll. Olivier Auger». Segundo a legenda que se encontra no livro, pode ter origem em Angola ou Cabo-Verde (p. 370).

(descrição, explicação ou contextualização) à fotografia que capta um momento de assédio sexual divulgada ao lado. Talvez seja esta separação entre texto e imagem o calcanhar de Aquiles desta publicação, dando por certo a expressão “vale mais uma imagem do que mil palavras”, mas que pode, de facto, perpetuar erroneamente imagens construídas, inventadas ou falseadas. Este projeto editorial carece de uma análise iconográfica (o que daria talvez outra publicação), ou seja, aquela tarefa complexa de procurar e caracterizar os objetos e as condições de produção ou reprodução. No caso da fotografia «Soldados portugueses assediam uma mulher», desconhece-se, por exemplo, o lugar exato, o autor/fotógrafo, se o objeto fez parte de um circuito privado ou social, ainda que marginal, e quantas cópias existiram ou existem; entre outros aspetos, esta análise determinaria a influência que a fotografia teve na construção de um determinado imaginário.

Sexe, race & colonies afigura-se uma obra pouco consensual e polémica. Os prefaciadores, Achille Mbembe e Jacques Martial, antecipam as críticas, desde logo a crítica à presença dos próprios, herdeiros diretos da história da colonização. Martial acredita que é importante conhecer a genealogia social, ainda que penosa e chocante, do mundo atual e perceber «les chaînes mentales qui, aujourd’hui encore, entravent notre liberté» (Blanchard et al 2018: 11) para melhor as desconstruir. Na verdade, este livro vem preencher uma lacuna nos estudos dos imaginários coloniais e, sobretudo, na história das sexualidades, para interpretar as conjecturas socioculturais atuais. Tal como afirma Leïla Slimani, no posfácio, «On ne devrait pas pouvoir parler du voile, de Trump, du tourisme sexuel dans les pays du Sud, du ‘grand remplacement’, des violences policières à l’égard de Noirs, des migrants ou du nouvel an 2015 à Cologne sans avoir lu le texte [*Sexe, race & colonies*]» (Blanchard et al 2018: 507). De acordo com a escritora e jornalista franco-marroquina, trata-se de um livro necessário e responde àqueles que se questionam como tais violências foram possíveis (Blanchard et al 2018: 508)... ou ainda são possíveis.

Em *Sexe, race & colonies. La domination des corps du XVe siècle à nos jours*, edição desnecessariamente luxuosa, as violências descritas, desenhadas, pintadas ou fotografadas são postas a nu, cabendo ao leitor revesti-las com uma leitura avisada e crítica.

Bibliografia

Blanchard, Pascal, Bancel, Nicolas, Boëtsch, Gilles, Taraud, Christelle, Thomas, Dominique org. (2018). *Sexe, race & colonies. La domination des corps du XVe siècle à nos jours*. Paris: La Découverte.

- Collectif Cases Rebelles (2018). “Les corps épuisés du spectacle colonial”. <http://www.cases-rebelles.org/les-corps-epuises-du-spectacle-colonial/>, consultado a 2020/01/14.
- Libération (2018). Entrevista a Pascal Blanchard “Ces images sont la preuve que la colonisation fut un grand safari sexuel”. http://www.liberation.fr/debats/2018/09/21/pascal-blanchard-ces-images-sont-la-preuve-que-la-colonisation-fut-un-grand-safari-sexuel_1680445, consultado a 2020-02-14.
- Schneidermann, Daniel (2018). “*Sexe, race et colonies*: Pascal Blanchard ne veut pas débattre”. <http://www.arretsurimages.net/chroniques/le-matinaute/sexe-race-et-colonies-pascal-blanchard-ne-veut-pas-debattre>, consultado 2020-02-14.

Susana Pimenta
UTAD, CITCEM-Flup
susanapimenta7@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3376-4344>